



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÚSICA**

DEISYANNE SILVA VELOSO

**A PRÁTICA DOCENTE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NO PROTAGONISMO
DO ALUNO DE MÚSICA: um relato de experiência no Ensino Fundamental Anos
Iniciais**

Recife

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
LICENCIATURA EM MÚSICA**

DEISYANNE SILVA VELOSO

**A PRÁTICA DOCENTE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NO PROTAGONISMO
DO ALUNO DE MÚSICA: um relato de experiência no Ensino Fundamental Anos
Iniciais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Música da
Universidade Federal de Pernambuco, Campus
Recife, como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciado em Música.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rebeca Tavares
Furtado

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Veloso, Deisyanne Silva.

Título: A prática docente como fator de influência no protagonismo do
aluno de música: um relato de experiência no ensino fundamental anos
iniciais / Deisyanne Silva Veloso. - Recife, 2024.

38

Orientador(a): Rebeca Tavares Furtado

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Música - Licenciatura, 2024.
Inclui referências.

1. Protagonismo Infantil. 2. Autonomia. 3. Educação Musical. I. Furtado,
Rebeca Tavares. (Orientação). II. Título.

780 CDD (22.ed.)

DEISYANNE SILVA VELOSO

**A PRÁTICA DOCENTE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NO PROTAGONISMO
DO ALUNO DE MÚSICA: um relato de experiência no Ensino Fundamental Anos
Iniciais**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em Música da Universidade
Federal de Pernambuco, Campus Recife, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Música.

Aprovado em: ____/____/2024.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Rebeca Tavares Furtado (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Leonardo Pellegrin Sanchez (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Sérgio Ricardo de Godoy Lima (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Ao Único que é Digno! YHWH! Meu Deus e meu Amigo, sem Ele eu sei que jamais teria chegado até aqui. À minha família por sempre torcer e acreditar em mim, aos meus queridos alunos por fazerem parte da construção do meu eu profissional e aos meus amigos e colegas de trabalho por todo o apoio e incentivo.

AGRADECIMENTOS

Sou grata ao meu Senhor, aquele que soprou a vida em mim! A quem tem me direcionado até aqui e continua a me guiar, a quem cuida de mim com grande amor. Grata sou por todas as oportunidades de aprender e viver boas e nem tão boas experiências durante o curso, todas elas serviram para me moldar e me tornar quem eu sou hoje. Tanto no presencial quanto no ensino remoto, meu fiel amigo sempre esteve comigo.

Agradeço a minha amada mãe, Geane, por me colocar no caminho da música e por me incentivar a continuar. Seu abraço e suas palavras me fortaleceram até nos meus piores momentos. Obrigada por tanto carinho! Agradeço a minha querida irmã, Greicy, por todo apoio e parceria, sempre amei estar em sua companhia e compartilhar as coisas da vida! Obrigada por sua amizade!

Minha gratidão aos professores do departamento em que tive a honra de ser aluna. Ver a paixão nos olhos deles pelo que ensinam é realmente inspirador, se eu pudesse, voltaria no tempo para assistir algumas aulas novamente. Cada um deles me ensinaram coisas preciosas que trago sempre comigo!

Meus sinceros agradecimentos a minha orientadora, Rebeca Furtado, que chegou de maneira especial neste momento da minha vida e trabalhou me orientando e aconselhando, sendo atenciosa e me dando todo o suporte para que este trabalho fosse feito. É nítida a sua dedicação aos seus alunos, creio que Deus te recompensará por todo o seu trabalho!

Aos colegas de curso, agradeço pela irmandade. Por nos ajudarmos conseguimos alcançar a linha de chegada! Vencemos várias coisas juntos e a conclusão do curso é mais uma vitória! Em especial, agradeço aos amigos de perto e de longe, o tempo e a distância não alteram a nossa amizade. Minha amiga Damaris, esteve comigo desde o início, por uma recomendação sua tive minha primeira experiência ensinando em sala de aula. Minha amiga Isabele, sempre presente nos momentos mais importantes da minha vida, um ouvido atento e um coração aberto, é muito bom poder contar com a sua amizade!

RESUMO

A Base Comum Curricular Brasileira (BNCC) orienta que as aulas para o Ensino Fundamental Anos Iniciais¹ sejam planejadas com o objetivo de despertar o senso crítico, a criatividade e a autonomia da criança, para que ela cresça e desenvolva seu protagonismo frente às experiências proporcionadas por vários ambientes durante sua vida. O presente trabalho teve como principal objetivo relatar como a prática docente em música no Ensino Fundamental Anos Iniciais influenciou o protagonismo dos estudantes no Colégio Americano Batista. O trabalho define o que é protagonismo pessoal e a sua relação com a educação musical, menciona contribuições do referencial teórico sobre o processo de desenvolvimento do protagonismo pessoal e relata ações docentes em turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais direcionadas ao desenvolvimento do protagonismo pessoal dos alunos. Após um levantamento bibliográfico, bem como o relato de experiência e reflexões acerca do tema, refletimos sobre os impactos positivos das ações docentes nos alunos da disciplina de música, neste contexto de escola básica.

Palavras-chave: Protagonismo Infantil; Autonomia; Educação Musical

¹ O Ensino Fundamental é a segunda etapa da educação básica no Brasil. O Ensino Fundamental Anos Iniciais se inicia no Primeiro Ano e termina no Quinto Ano.

ABSTRACT

For the Early Years of Elementary School, the Brazilian Common Curricular Base recommends that classes should be planned with the aim of awakening children's critical sense, creativity and autonomy, so that they can grow and develop their protagonism in the face of experiences provided by various environments throughout their lives. The main objective of this study was to report how teaching practices in music in the Early Years Elementary School influenced students' protagonism at the Colégio Americano Batista. The study defines what personal protagonism is and its relationship with music education, it mentions contributions from the theoretical framework on the process of developing personal protagonism, and reports teaching actions in Early Years Elementary School classes aimed at developing students' personal protagonism. After a bibliographical survey, as well as the experience report and reflections on the topic, we were able to reflect on the impacts of teaching actions on music students in this elementary school context.

Keywords: Children's protagonism; Autonomy; Music Education

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
1.1 Apresentação	9
1.2 Objetivos e justificativa	10
1.3 Metodologia	11
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1 Contextualização	13
2.2 Conceito de protagonismo	14
2.3. Protagonismo na educação musical	16
2.4 Especificidades do ensino fundamental anos iniciais na escola básica	18
3. RELATO DE EXPERIÊNCIA - AS AÇÕES DOCENTES	21
3.1 Desenvolver um planejamento de aula flexível	21
3.2 Reconhecer as diversidades, promover a inclusão e despertar potenciais	24
3.3 Incentivar a participação ativa nas aulas teóricas	25
3.4 Propor desafios e jogos	27
3.5 Encorajar apresentações em público	30
3.6 Promover diálogos constantes	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
5. REFERÊNCIAS	36

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação

O primeiro dia em que dei aula de música para uma turma de crianças, como estagiária, foi em projeto musical² voltado para banda de música, com instrumentos de sopro e de percussão. Dentre as distintas memórias que tenho daquele dia, ainda lembro de ver os olhos das crianças brilhando na expectativa de aprenderem música. Durante aquele período de dois anos, a turma aprendeu sobre teoria musical, prática de instrumentos de percussão de altura definida e, por fim, nos preparamos para uma apresentação na escola. Esta experiência se tornou parte da minha vida profissional, considerando que venho desenvolvendo um trabalho como professora de música na escola básica desde então.

Eu sempre senti que o fazer musical tinha que contribuir de alguma forma no dia a dia dos alunos para além da sala de aula. O ensino musical que desenvolvo não é em uma escola cujo objetivo é formar futuros profissionais da música, mas sempre busquei que as crianças que tive contato nesses últimos anos pudessem experimentar os benefícios que a música pode proporcionar. Conforme obtive vivência em sala de aula, pude observar que os alunos mudaram de comportamento no decorrer das aulas e na preparação para apresentações musicais. Pude inclusive perceber que isso estava refletindo positivamente na vida das pessoas ao redor deles ao receber feedbacks dos familiares das crianças. Eles se tornaram mais criativos e independentes. Ao pensar em algum tema para o meu trabalho de conclusão de Licenciatura em Música, notei que o protagonismo infantil na educação musical aliado à didática em sala de aula foi algo que me chamou a atenção nos últimos anos e é esse tema que me fez querer pesquisar, trabalhar e escrever.

Desde criança somos estimulados a fazer escolhas. O "sim", o "não", o "quero!", o "não quero!" fazem parte do dia a dia de uma criança que está desenvolvendo sua fala e suas vontades. Classificar e compreender as diferentes opções fazem parte do momento em que nos deparamos com algum conflito e, após avaliarmos, tomamos as decisões. A comunidade científica sugere que tomamos cerca de 35.000 decisões diariamente (Daum, 2012). Esse poder de escolha faz parte da autonomia de cada ser humano. Acompanhada a esta habilidade, está a

² Projeto musical em uma escola pública municipal no Recife, coordenado pelo Núcleo de Atividades Culturais (NAC), um setor do Centro Administrativo Pedagógico, no ano de 2016.²

observação das opções para se fazer a escolha adequada, como também a capacidade de responder, se comunicar e se expressar de acordo com as suas ideias.

O poder de escolha está atrelado ao processo de desenvolvimento do protagonismo pessoal, algo que não é exclusivo das crianças ou para as crianças, os adultos também têm oportunidades de desenvolver a autonomia, eles também precisam se esforçar para vencer, por exemplo, o desafio de dar sua opinião sobre algo, liderar uma reunião, falar em público em uma apresentação, cantar, dançar ou tocar na frente de outras pessoas. São desafios que ainda causam ansiedade e inibição para muitas pessoas e por isso devem ser trabalhados desde muito cedo no processo educacional.

Para desenvolver uma habilidade, como se apresentar para algum público, por exemplo, é necessário que haja um processo de aprendizagem envolvendo conhecimento, experimentação e prática. Considerando o desenvolvimento de habilidades em prol do protagonismo infantil, algumas perguntas norteiam este trabalho. De que maneira as ações do docente contribuem para o processo de desenvolvimento do protagonismo pessoal dos alunos? Ou melhor, utilizando termos específicos para este trabalho: Quais elementos da prática pedagógica podem influenciar no protagonismo do estudante de música no Ensino Fundamental Anos Iniciais?

1.2 Objetivos e justificativa

Diante da questão de acima, delimitamos os objetivos deste trabalho da seguinte forma:

Objetivo Geral

Descrever em um relato de experiência como a prática docente em música no Ensino Fundamental Anos Iniciais influenciou o protagonismo dos estudantes em uma instituição de ensino básico.

Objetivos Específicos:

- Definir o que é protagonismo pessoal e a sua relação com a educação musical.
- Mencionar contribuições do referencial teórico sobre o processo de desenvolvimento do protagonismo pessoal.
- Relatar ações docentes em turmas do Ensino Fundamental Anos Iniciais direcionadas ao desenvolvimento do protagonismo pessoal dos alunos.

Justificativa

Este trabalho contribui para as pesquisas em educação musical, pois aborda experiências profissionais específicas do ensino básico, com um recorte de faixa etária do Ensino Fundamental I - Anos Iniciais. O estudo é relevante ao aplicar o conhecimento teórico sobre protagonismo pessoal infantil na didática de uma educadora musical que utiliza-se da metodologia do relato de experiência, trazendo reflexões acerca das ações planejadas.

1.3 Metodologia

Este trabalho é desenvolvido na metodologia de um Relato de Experiência. Trata-se de uma pesquisa exploratória, descritiva e qualitativa, feita através de uma análise bibliográfica que investiga o que os principais autores que estudam sobre o tema têm a dizer sobre o assunto, aliada às experiências da autora. Neste trabalho, reconhece-se a experiência como ponto de partida para a aprendizagem em diálogo com a literatura existente para a construção do conhecimento científico.

[...] o RE [Relato de Experiência] em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante). (Mussi *et al*, 2021, p. 64)

Segundo Mussi *et al*, é importante que o conhecimento esteja interligado às experiências e vivências profissionais:

Ao considerar o RE [Relato de Experiência] como expressão escrita de vivências, capaz de contribuir na produção de conhecimentos das mais variadas temáticas, é reconhecida a importância de discussão sobre o conhecimento. O conhecimento humano está interligado ao saber escolarizado e aprendizagens advindas das experiências socioculturais. O seu registro por meio da escrita é uma relevante possibilidade para que a sociedade acesse e compreenda questões acerca de vários assuntos, sobretudo pelo meio virtual, uma vez que o contexto contemporâneo informatizado possibilita isso. Deste modo, o conhecimento tem como objetivo a formação dos sujeitos na própria sociedade. (Mussi *et al*, 2021, p. 63)

A pesquisa propõe compartilhar conhecimentos baseados nas experiências vivenciadas, contribuindo para o meio da educação musical e para os docentes e discentes envolvidos no processo. Mais especificamente, neste trabalho são desenvolvidos relatos que descrevem as ações docentes planejadas e executadas especificamente para o desenvolvimento do protagonismo pessoal dos alunos no contexto apresentado.

O trabalho se divide da seguinte forma. Na *Introdução*, é descrito um pouco sobre como o protagonismo está presente no nosso dia a dia e como ele é importante para o desenvolvimento da criança, também é narrado como tem sido a minha relação com o ensino de música em escolas básicas, onde conto experiências que abriram os meus olhos para o protagonismo. A *Revisão Bibliográfica* está estruturada de maneira a contextualizar o assunto “protagonismo”; trazer uma definição do termo; exemplificar maneiras sobre como ele pode estar presente na educação musical; e tratar de especificidades da educação musical para o recorte de faixa etária do Ensino Fundamental Anos Iniciais. No *Relato de Experiência*, são narradas situações em sala de aula, planejamentos didáticos e resultados obtidos através da interação entre docente e discentes. Por fim, este trabalho traz discussões sobre as experiências relatadas e uma breve conclusão sobre o tema abordado.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Contextualização

O estudante como um participante ativo em sala de aula é capaz de interagir com os colegas e com o educador e se torna o sujeito principal a contribuir para o seu próprio desenvolvimento no processo de aprendizagem, permitindo que os conteúdos sejam melhor trabalhados. Ser um estudante participante e ativo ganhou o nome de estudante “protagonista”, e isso não é um termo informal. A palavra “protagonismo”, por exemplo, aparece 57 vezes na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (Brasil, Ministério da Educação, 2018), e isso se dá porque a BNCC acredita que é fundamental que o estudante vivencie experiências que possam proporcionar o desenvolvimento da autonomia pessoal, sendo isso por meio da interação com os colegas e o ambiente. Tendo em vista que a BNCC enfatiza a importância do protagonismo, as escolas buscam maneiras do protagonismo estar aliado ao processo de ensino-aprendizagem do aluno, pois a educação precisa ser pensada como um meio de desenvolver o pensamento crítico e o protagonismo.

Algumas escolas brasileiras já têm um material didático voltado para o desenvolvimento do protagonismo estudantil, que traz planos de aulas teórico-práticas com o objetivo de auxiliar o professor a propor atividades para os alunos exercerem ativamente seu protagonismo. Por exemplo, mencionamos o livro “Protagonismo Juvenil” usado no programa de Ensino Integral no Ensino Fundamental das escolas públicas do Estado de São Paulo, implementado pela Secretaria da Educação do Estado como material didático para turmas do ensino básico. Com a última expansão do programa de ensino integral, em 2020, o *Protagonismo Juvenil* tornou-se componente curricular obrigatório (Governo do Estado de São Paulo, 2021).

Já em Pernambuco, no ano de 2016, foi publicado pelo Instituto de Corresponsabilidade pela Educação (ICE), a primeira edição do livro “Material do Educador - Aulas de Protagonismo - Escola da Escolha”, para o 8º ano do Ensino Fundamental. A Escola da Escolha é um projeto do ICE que atuou inicialmente na Escola Ginásio Pernambucano e teve sua expansão junto às Secretarias de Educação estaduais e municipais em cinco regiões brasileiras, atendendo o ensino médio e o ensino fundamental (ICE, Aulas de Protagonismo, 2016).

Com a orientação da BNCC sobre a importância de despertar o protagonismo dos alunos e com os materiais e atividades propostas para este tema, os professores passam então a

desenvolver atividades nas escolas que instiguem o protagonismo no aluno, não somente em torno do conteúdo teórico, mas também nas atividades práticas. Passa-se a evitar com que a aula seja somente expositiva, com pouca participação do aluno. O professor deve assumir o papel de orientador e o aluno de participante ativo, como afirma Volkweiss A. *et all*:

(...) quando o professor consagra o aluno como um parceiro de trabalho, é possível desenvolver nestas diferentes competências que irão lhe auxiliar a ser um cidadão crítico, questionador. Por meio do educar pela pesquisa, enfatizado pelo autor como princípio educativo, o professor rechaça o papel de ser um mero expositor de conteúdos e assume-se enquanto orientador. Deve assim estimular que seus estudantes deem novas interpretações a textos de livros/revistas, busquem informações em fontes variadas, produzam conhecimento, colem dados, levanten hipóteses e soluções a problemas vivenciados no seu cotidiano, estabeleçam relações de causa e efeito. Portanto, o estudante que aprende por meio de uma educação pautada na pesquisa tem grandes chances de se desenvolver enquanto protagonista de sua aprendizagem. (Volkweiss, A. *et al*, 2019, p. 12)

O conceito de protagonismo tem ganhado ênfase nas escolas e no ensino básico brasileiro, conforme observamos nestas referências. Por isso, torna-se relevante que professores e alunos reflitam sobre o impacto do tema no campo da educação musical e que possamos desenvolver atividades práticas, adotando posturas mediadoras, para garantir que o aluno desenvolva atitudes e habilidades para se tornarem capazes de alcançar objetivos, compreender emoções, tomar decisões de maneira responsável e se tornarem cidadãos mais conscientes em suas ações. É importante compreender ainda, que, para Freire “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder aos outros.” (Freire, 1996, p. 59) Consideramos com essa afirmação que a autonomia não é algo a ser concedido aos estudantes, mas algo a ser respeitado.

2.2 Conceito de protagonismo

A educadora Camila Valiengo é uma referência importante nos estudos do protagonismo na educação musical. Segundo a autora:

O termo protagonismo vem do teatro e indica o ator que ocupa o papel principal numa obra. Adentrou à Sociologia e, de acordo com Pires e Branco (2007), tem sido empregado com muita frequência como sinônimo de participação. Com esta perspectiva, adoto, no presente trabalho, a ideia de que o protagonismo e a participação são palavras de mesma natureza, utilizados para indicar uma presença ativa em situações e contextos variados, provindas das relações entre crianças e adultos, das crianças com outras

crianças e das crianças com as coisas do mundo (por exemplo, os instrumentos musicais). (Valiengo, 2017, p. 88)

Encontramos exemplos de protagonistas em filmes, peças de teatro, musicais e outros. Porém, para além da ficção, é possível ser protagonista na vida real. O protagonista da vida real, precisa se conhecer, conhecer suas habilidades, colocá-las em prática, avaliar seus resultados, além de entender e respeitar seus próprios limites. Sem perder de vista a relação com seus pares.

O termo *protagonismo* atualmente aparece acompanhado de outros termos que nos ajudam a compreender de qual área estamos nos referindo. Como por exemplo; Protagonismo Pessoal, Protagonismo Feminino, Protagonismo Indígena, Protagonismo Negro, Protagonismo Juvenil e outros. Neste trabalho abordaremos o Protagonismo Juvenil e Estudantil, que, de acordo com a definição de Costa, se trata de “uma concepção do educando como sujeito do processo educativo, ou seja, o educando como fonte de iniciativa, de compromisso e de liberdade.” (Costa, 2006)

Embora Costa pontue termos relevantes em relação à voz ativa do estudante, é importante ressaltar que seu trabalho é criticado por educadores como Silva (2014) por sua relação com políticas neoliberais.

O discurso educacional em Costa tem como proposta despertar a cidadania ativa por intermédio de práticas educativas que estimulam a participação de jovens e adolescentes em ambientes educacionais formais e informais, mas tais práticas demonstram estar em consonância com as orientações propostas por organismos internacionais e setores empresariais, que direcionam a educação para exercer forte papel ideológico e instrumental ao capital. (SILVA, 2015)

A apostila “Protagonismo Juvenil” (Governo do Estado de São Paulo, 2021), usada nas escolas públicas do Estado de São Paulo, se baseia em três palavras-chave que norteiam o desenvolvimento dos estudantes como protagonistas. (1) *Iniciativa*: que leva à ação consciente, para que o aluno conheça a sua realidade e não seja apenas um mero espectador, na escola e na comunidade em que vive. (...); (2) *Liberdade*: - momentos para avaliar situações e tomar decisões, a liberdade é reconhecida como estímulo de movimento; (3) *Compromisso*: que é um estímulo ao estudante de se responsabilizar pelas ações que pratica, assumindo as consequências daquilo que deixa de praticar, exigindo que aja em conformidade com regras e valores existentes, o protagonismo não exime do ônus advindo de suas práticas.

2.3. Protagonismo na educação musical

Na educação musical, a participação da criança é fundamentalmente ativa. Desde sua simples escolha de querer aprender, até escolhas mais complexas como o desenvolver da sua criatividade. A temática foi amplamente discutida pela professora Camila Valiengo que, em sua tese de doutorado, desenvolveu um trabalho para estimular o protagonismo, o diálogo e a criatividade da criança na Escola Municipal de Iniciação Artística (EMIA) em São Paulo, apoiando-se nas premissas teóricas de Freire, Koellheutter, Schafer, Vigotsky, entre outros, sendo sua principal perspectiva a Deleuziana, que envolve rizoma e cartografia.

A pesquisadora tomou como ponto de partida permitir que as crianças fizessem uma roda de conversa e escolhessem o que iriam fazer, e como iriam fazer. Como resultado, ela percebeu vários elementos durante as atividades. Elementos como: as relações com diferentes colegas, que são, por vezes, o “outro” mais experiente ou menos experiente; as diferentes formas de utilização do tempo; a possibilidade de as crianças transitarem pelo curso; a tomada de decisões como parte do processo pedagógico; o ato de ser protagonista e ter voz ativa no processo formal de aprendizagem; e a concepção de criança capaz, ativa e coprodutora por parte dos adultos. (Valiengo, 2017, p. 5)

Na relação com diferentes colegas, a criança tem a oportunidade de compartilhar e adquirir novos conhecimentos. Essa relação com o “outro” que Valiengo comenta em sua tese, é vista como uma oportunidade da criança aprender novos conceitos e culturas. O “outro” é visto como alguém mais experiente que ensina e aprende também com o outro ser em desenvolvimento.

É por meio das relações interpessoais que o indivíduo aprende e, conseqüentemente, se desenvolve. A partir dessa perspectiva, podem-se mudar muitos contextos de aprendizagem musical. O papel do outro e a influência do meio, nesse processo, possibilitam novos olhares para que se fortifiquem processos pedagógicos significativos e criativos, que contribuam com a natureza da criança e com o seu desenvolvimento. (Valiengo, 2017, p. 137)

Em sua pesquisa, Valiengo conta que na EMIA, as crianças escolhem quais outras aulas elas irão assistir durante a semana. Frequentar diferentes aulas permite que as crianças se relacionem com diversos colegas.

Além de gostar de artes e fazer música, a criança precisa ter liberdade para escolher. Valiengo menciona em sua pesquisa a importância dos alunos poderem escolher quais das artes

eles desejam estudar. Ao escolher a linguagem artística musical, os alunos têm liberdade de escolherem um instrumento musical e quais vivências constituirão a aula. A escolha da criança por aprender algum instrumento específico pode estar aliada a experiências ou afetos da criança por tal sonoridade. É fundamental respeitar a escolha da criança, podendo ela estudar com mais animação e dedicação a determinado instrumento, evitando assim a repulsa por algum instrumento indesejado, o que pode causar na criança uma frustração, ou a crença de que a música ‘não é para ela’. Em sua tese, Valiengo diz:

A dificuldade em decidir qual será o instrumento que a pessoa utilizará para se expressar é muito comum e, ao mesmo tempo, difícil de ser trabalhada em grande parte das instituições. Além disso, tocar um instrumento requer habilidades específicas que esbarram em outra dificuldade: a relação técnica – emoção. Ao experimentarem as possibilidades que as interessam, as crianças têm maior chance de estabelecer vínculos significativos com os instrumentos e, assim, facilitar o processo de vivenciar a música como linguagem (Valiengo, 2017, p. 149).

O poder de escolha dado aos alunos, permite que eles trabalhem as suas ideias por meio do diálogo e produzam algo usando a criatividade enquanto promovem a união da equipe. A autonomia na educação musical estimula o protagonismo na criança, permitindo que sejam atuantes em suas outras experiências na vida. Isso se conecta ao que Paulo Freire propõe:

Uma educação pelo trabalho, que estimule a colaboração e não competição (...) que dê valor à ajuda mútua (...) que desenvolva o espírito crítico e a criatividade (...) que se fundamente na unidade entre a prática e a teoria, entre o trabalho manual e o trabalho intelectual e que, por isso, incentive o educando a pensar certo." (Freire, 1996, p.86)

A criatividade se inicia de um conhecimento prévio, uma base, para que a partir dali possa ser construído algo novo. As trocas de ideias e direcionamento do outro mais experiente, guia a criança em seu desenvolvimento criativo:

(...) Ao tornar-se estudante de uma instituição, o aluno já se apresenta com conhecimento prévio, e este, por si só, constitui-se um processo criativo, pois a criança consegue criar significados para sua aprendizagem e interferir em seu próprio processo de assimilação e expressão. (Valiengo, 2017, p. 171)

A tese de Valiengo aborda diversos aspectos sobre o protagonismo infantil na mesma faixa etária abordada neste trabalho, utilizando-se de exemplos concretos experienciados em

sala de aula e baseados em um forte referencial teórico, no entanto, o trabalho de Valiengo não propõe discussões específicas sobre o ensino musical na escola básica.

No que diz respeito ao ensino básico, pode-se avaliar a referência da apostila “Protagonismo Juvenil” (2021), que norteia os planos de aulas e suas atividades no sentido de esclarecer quais habilidades de protagonismo devem ser despertadas no aluno. Essas habilidades descritas estão distribuídas uma em cada atividade. Apresentamos a seguir um recorte dos tópicos que estão mais relacionados com a área de educação musical e que podem ser relacionados com as ações docentes desenvolvidas no relato de experiência deste trabalho, eles são:

(1) Trabalhar em equipe

- Trabalhar em equipe, convivendo com diversidade de ideias.
- Identificar habilidades individuais e coletivas.
- Saber respeitar as decisões dos outros.

(2) Autoavaliação

- Aprender a auto avaliar-se, identificando aprendizagens adquiridas.
- Refletir sobre o seu papel na construção do bem comum.

(3) Sistematização

- Desenvolver a capacidade de relacionar fatos e situações.
- Organizar, sistematizar e disseminar informações de interesse coletivo.

(4) Potencial de Criação

- Exercitar o potencial de criação.

É com autonomia que os estudantes podem desenvolver seu protagonismo e a capacidade de tomar decisões – e não simplesmente deixarem as outras pessoas fazerem por elas. É necessário então se auto avaliar, exercitar a criatividade, organizar as ideias pessoais, mas também trabalhar no coletivo, em equipe, com objetivos em comum, para que o resultado do trabalho seja satisfatório e consciente.

2.4 Especificidades do ensino fundamental anos iniciais na escola básica

Os relatos de experiência deste trabalho foram vivenciados com alunos do ensino básico, no Ensino Fundamental Anos Iniciais, no Colégio Americano Batista, em Recife, no estado de Pernambuco. Os alunos protagonistas, são crianças que estão na faixa etária de 6 a 11 anos, ou seja, do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental.

Essa faixa etária coincide com o processo de alfabetização dos alunos, momento em que estão aprendendo símbolos e assimilando abstrações. Nesta fase, segundo Piaget, a criança passa a desenvolver também o pensamento lógico, ao trabalhar operações mentais complexas para desenvolver problemas concretos do dia a dia:

Aproximadamente aos 7 anos, segundo Piaget, as crianças entram no estágio de operações concretas, quando podem utilizar operações mentais para resolver problemas concretos (reais). As crianças são então capazes de pensar com lógica porque podem levar múltiplos aspectos de uma situação em consideração (Papalia, 2006, p.365).

Ao entrar no Ensino Fundamental Anos Iniciais, a criança ingressa em uma transição entre o processo de aprendizagem por meio de interações, jogos e brincadeiras, que faziam parte da estrutura do currículo da educação infantil, para um processo de aprendizagem com um currículo estruturado por áreas de conhecimento e componentes curriculares. Ao ingressar nessa nova etapa, os alunos ainda devem aprender por meio da ludicidade, da prática investigativa, da criatividade e da expressividade, para que possam dar continuidade à experiência vivida na educação infantil. Por isso, as vivências artísticas e a educação musical no ensino básico devem ser cuidadosamente planejadas, considerando um escopo pedagógico que deve atender à faixa etária dos alunos, ou seja, devem estar dentro dos interesses dos alunos e sua cultura infantil (BRASIL, 2017, p. 199). A Área de Conhecimento - Artes, da qual o ensino de música faz parte, é planejada para contribuir no desenvolvimento de habilidades criativas e expressivas específicas dessa faixa etária e pode inclusive contribuir para o processo de alfabetização e comunicação das crianças:

Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens não verbais. (BRASIL, 2017, p. 199)

O conteúdo de Artes no Ensino Fundamental Anos Iniciais, deve estar focado em desenvolver competências, algumas delas são relacionadas à análise crítica, ao desenvolvimento da autonomia, e à criatividade (BRASIL, 2017, p. 198). O conteúdo de Artes jamais deve ser visto apenas como um estudo de técnicas e teorias engessadas, mas como um espaço seguro para vivências e experiências criativas que os alunos poderão levar para o seu dia a dia.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. (BRASIL, 2017, p. 193)

A música no componente de Artes é a inserção dos alunos na linguagem artística por meio de sons. Os alunos aprendem por meio da percepção, experimentação, produção, reprodução, alteração e criação nas mais diversas possibilidades sonoras. Isto também os possibilita viver experiências ligadas à cultura, compreender a diversidade e saberes que serão fundamentais para a sua participação ativa e crítica na sociedade. (BRASIL, 2017, p. 196).

As aulas de música para esse grupo preveem conteúdos como: notação musical básica, apreciação, percepção, improvisação, aprendizagem com jogos interativos e a prática de instrumentos musicais. (BRASIL, 2017, p. 203). Tais conteúdos estão presentes nas aulas que ministrou para esta faixa etária, enfatizando o uso da flauta doce como instrumento de iniciação.

3. RELATO DE EXPERIÊNCIA - AS AÇÕES DOCENTES

Os relatos de experiência a seguir descrevem ações docentes que impulsionam o protagonismo estudantil, além de reflexões sobre o meu papel como educadora musical no Ensino Fundamental Anos Iniciais com base na literatura existente sobre o assunto. Cada um dos tópicos a seguir exemplifica maneiras de trabalhar o protagonismo em uma sala de aula de música do ensino básico.

3.1 Desenvolver um planejamento de aula flexível

Antes de executarmos algo, pensamos no que temos que fazer, e nesse meio entre ter ciência do que fazer e a prática de fato, se encontra o planejamento. Planejar as aulas é altamente necessário. Como professores, devemos chegar na sala de aula e saber como iniciar, desenvolver e finalizar. Planejar as aulas é viajar tendo um destino em mente, traçando uma rota que pode ou não ser alterada durante o percurso:

Ela [a aula] é feita de prévias e planejadas escolas de caminhos, que são diversos do ponto de vista dos métodos e técnicas de ensino; [...] também se constrói, em sua operacionalização, por percalços, que implicam correções de rota na ordem didática, bem como mudanças de rumo; [...] está sujeita a imprevistos, porque não foram previstos, mas não pode construir-se por improvisações. (Araújo, 2008, p. 60-62 apud Schewtschik).

No colégio, a aula de Música - assim como Artes também - acontece uma vez na semana para cada turma, e usamos dois tipos de planejamentos para o Fundamental Anos Iniciais. Um modelo de plano de ensino semestral e o outro é o plano de aula diário. Não seguimos um livro de música específico para as turmas, o que em parte é uma vantagem para mim, pois planejo e monto minhas aulas me baseando na BNCC, e métodos de educação musical que serão discutidos a seguir. Essa flexibilidade me ajuda também a adaptar o conteúdo para prepará-los para eventos da escola em que eles participam musicalmente.

A flexibilidade do planejamento dos professores, somada ao incentivo à participação dos estudantes na organização e desenvolvimento da aula, do devir, aproxima o ato do protagonismo e da criação, indispensáveis ao fazer artístico e à vida humana. (Valiengo, 2017, p. 82)

Nessas adaptações, procuro incentivar que os alunos participem ativamente do processo de organização e direcionamento das atividades, além do diálogo sobre a escolha do repertório. Portanto, considero que a maneira que planejo minhas aulas contribui para o protagonismo dos alunos.

Ao montar os planejamentos, primeiro observo o calendário escolar, as datas dos eventos, e então organizo quantas aulas tenho para preparar os alunos para os eventos. Antes de entrar em sala de aula, considero os objetivos, a descrição das atividades, a avaliação, dentre outros componentes obrigatórios que fazem parte de um plano de aula comum. Sendo assim, a metodologia de como a aula está estruturada é dividida basicamente em *acolhida*, *parte teórica*, *parte prática* e *despedida*.

A *acolhida* é a abertura da aula, o momento que canto uma canção animada e convidativa enquanto os alunos cantam e se divertem dançando. É o momento que busco mudar a atmosfera da sala, trazendo as sensações que a música pode produzir e ao mesmo tempo anunciando que a aula de música começou. A *parte teórica* é o momento onde trago informações, conhecimentos teórico-musicais, regras do jogo, explicação de alguma atividade, revisão de conteúdos passados, contação de histórias, entre outras possibilidades, onde a interação verbal está mais ativa. Na *parte prática*, como o nome já sugere, é o momento de “pôr a mão na massa”, momento de exercitar a mente e a coordenação motora, soltar a voz, fazer experimentos, analisar detalhes, ouvir com atenção, perceber diferenças, imitar o que foi construído por outro, criar usando recursos disponíveis, é o momento de refletir também sobre o resultado do que foi feito. Para finalizar a aula, na *despedida*, canto uma canção tranquila com a letra indicando o fim da aula, com o objetivo de assim deixar uma sensação de paz, dever cumprido e um gostinho de quero mais. Dessa forma, a aula fica estruturada como uma rotina, visando trazer ao aluno a sensação de segurança e ordem.

Planejar é um ato fundamental para um bom andamento das atividades propostas, para tentar atingir as metas estabelecidas, sabendo conscientemente onde está pisando e aonde pretende chegar. É uma maneira de alinhar os objetivos a serem alcançados. Improvisos acontecem, fazem parte da aventura, por isso a flexibilidade é muito bem-vinda quando nos atentamos às necessidades e às ideias dos alunos.

Dentro do plano de aula estão os materiais didáticos, ou seja, os materiais que serão verdadeiros auxílios para que as aulas tenham um direcionamento, uma maneira de aprendizagem a desenvolver, como um mapa indicando as rotas da viagem.

É a partir do uso dos materiais didáticos em suas práticas pedagógico-musicais que os docentes atribuem-lhes funções para o ensino de música. Uma dessas funções se refere ao auxílio dos materiais didáticos no planejamento de ensino. (Oliveira, 2007, pág 80)

Como em toda profissão, o *networking* é necessário, e na música é fundamental se unir com quem tem o mesmo propósito. No meio da educação musical, os professores geralmente se ajudam, compartilhando ideias, sites, pastas em drives com métodos, apostilas, partituras, atividades, e-books, compartilhados com intuito de ter um acervo de material didático para auxiliar nas aulas. Utilizo alguns desses materiais compartilhados nas aulas de flauta doce, como por exemplo, métodos contendo canções folclóricas ou infantis com nome de notas ao invés de partitura, para facilitar a compreensão de sequência de notas a execução no instrumento. Para os mais avançados, utilizo métodos de flauta doce que treinam a leitura de partitura.

(...) as concepções que fundamentam o uso dos materiais didáticos pelos professores de música são construídas a partir de sua própria prática pedagógico-musical. É com base em suas intenções em relação ao ensino de música, especialmente os objetivos e conteúdos planejados, nas características do contexto em que atuam e nas vivências e interesses dos alunos que os professores analisam, selecionam, adaptam e produzem os materiais didáticos a serem utilizados nas aulas de música. (Oliveira, 2007, p. 83)

A utilização dos métodos também está em constante adaptação de acordo com a turma, o planejamento do semestre e os objetivos. Como professora, busco sempre incluir as atividades nas quais os alunos tenham demonstrado interesse, além de observar o perfil da turma para organizar os conteúdos com as vivências dos alunos.

Pensando na autonomia do aluno, considero que parte do conteúdo da educação musical tem que ser direcionado para a criatividade e improvisação. Nas aulas, fazemos imitações, por exemplo, eu toco uma melodia curta com poucas notas e os alunos repetem em seguida para trabalhar a escuta ativa. No decorrer do ano vamos aumentando a quantidade de notas. Fazemos improvisos, começamos com uma melodia curta padrão e vamos alternando entre os colegas, cada um tocando individualmente uma melodia criada na hora com algumas notas selecionadas e voltando para a melodia padrão, seguindo alternando entre melodia padrão e improviso, até que todos façam e finalizamos juntos com a melodia padrão. Percebo que isso ajuda com a autonomia no instrumento. Nessas aulas os alunos trabalham o ato de ouvir e ser ouvido, se expor, saber focar no que tem que ser feito, se permitir errar e buscar melhorar. Nesse processo

há também a prática de improvisação de ritmos musicais com os sons do corpo e execução de instrumentos de percussão.

3.2 Reconhecer as diversidades, promover a inclusão e despertar potenciais

Gosto de pensar que nós não somos fruto de uma fabricação em série, mas sim que cada um foi uma criação inédita, edição única, logo, não há cópias de nós mesmos. Seres sociais, mas singulares. Não temos a mesma aparência, não temos a mesma forma de pensar nem o mesmo comportamento, divergimos em opiniões com objetivos variados, nossas preferências são distintas, até nossa voz se distingue uma da outra. E isso é necessário, precisamos que a diferença seja notável para assim podermos nos reconhecer. É como um quebra cabeça com peças variadas e distintas, elas se encaixam entre si, formando um todo, completo e cheio de significados, por isso é fundamental reconhecer a importância da diversidade para garantir que cada um seja protagonista de sua história.

É necessário compreender as diferenças e promover a inclusão de grupos que foram historicamente marginalizados em nossa sociedade. A música é uma ferramenta poderosa de comunicação, de desenvolvimento de habilidades e de expressão. Por meio da música os alunos podem ampliar seu repertório cultural, adquirir mais opções de expressões e linguagens, promovendo uma sociedade mais justa, com gosto pela cultura e respeito aos direitos fundamentais.

A inclusão faz parte do respeito à diversidade, é importante compreender que cada indivíduo tem suas especificidades e ninguém aprende do mesmo jeito por igual. Nas minhas aulas, sempre mantenho uma rotina, variando aos poucos os assuntos, considerando que alguns alunos com autismo precisam sentir essa segurança. Para os alunos com TDAH, peço que sejam meus auxiliares, muitos deles gostam disso, e percebo que isso os ajuda a manter o foco na aula, como também penso que podemos direcionar a energia da hiperatividade para a liderança. No geral, tento propor atividades em que todos os alunos possam participar juntos, sem que haja a necessidade de deixar o outro fazer algo muito diferente e à parte da turma. São atividades adaptadas, as planejo de maneira que o aluno possa participar de alguma forma junto dos demais, na mesma atividade, interagindo com os colegas, buscando compartilhar ideias, trocando experiências e se desenvolvendo, se tornando parte do grupo, participando da atividade de maneira ativa.

O espaço da Educação Musical parece ser um local privilegiado de trocas com a diversidade em todos os sentidos. Ou seja, a musicalização coletiva proporciona a cooperação entre indivíduos diferentes, independente da especificidade dessas diferenças. Nas produções musicais, cada um encontra um local para se expressar e fazer parte de uma totalidade cooperativa de expressão musical, seja realizando o projeto de uma composição pela fala, pelo tocar algum instrumento elementar de percussão, por exemplo, ou um instrumento mais elaborado, pelo cantar, pela marcação com sonoridade corporal, pelo simples dançar ao embalo dos sons, etc. (Kebach, P.; Duarte, R., 2012, p. 110)

E por ainda falar em diversidade, impossível também não levar em conta os alunos com facilidade para aprender, alunos que são muito engajados, que praticamente já estão aguardando o professor na porta da sala, animadíssimos para a aula. Há também os alunos que já têm conhecimentos específicos em música. Buscar estratégias para equilibrar o envolvimento desses alunos com os outros colegas que não acompanham o mesmo nível é fundamental. Nas minhas aulas tenho proposto atividades em que os mais avançados possam participar fazendo alguma parte mais complexa em conjunto com os demais colegas ou auxiliando algum colega com dificuldades. O bom disso, é descobrir depois que eles tomaram a iniciativa de combinar horários para estudarem juntos para que, assim, quem esteve com dificuldades, possa acompanhar o nível em que os demais colegas alcançaram.

Os alunos mais tímidos não são esquecidos e nem perdidos de vista. Durante as atividades sempre peço para eles sugerirem ou criarem algo, responderem uma pergunta, ou irem até o quadro para adicionar alguma nota em composições de melodias. Nas aulas de flauta doce, peço para que cada aluno toque individualmente, esta então é uma oportunidade dos mais tímidos se inserirem nas experiências dos demais colegas e que possam aprender a lidar com o nervosismo. Também busco diversificar a disposição deles na sala, evitando que alguém fique no “mundo da lua”, para que possam participar ativamente da aula.

Ao reconhecer as diversidades e promover a inclusão em sala de aula, encontramos maneiras de trabalhar com os potenciais de cada um dos alunos de maneira mais direcionada, reforçando o protagonismo dos alunos.

3.3 Incentivar a participação ativa nas aulas teóricas

Ao se falar sobre a autonomia do aluno, muito se discute sobre participação em sala de aula. Um professor atualizado e dinâmico jamais quer estar em uma turma em que os alunos

não interagem, apenas escutam passivamente, isso seria o relato de um pesadelo. Uma das consequências negativas para uma dinâmica como esta, está no processo de avaliação no decorrer da aula. Nesse caso, vem o pensamento “será que eles estão me entendendo realmente?”, ou “o que eu preciso mudar?”.

A participação faz parte da afirmação da existência, como diz o ditado “quem não é visto, não é lembrado”. Se um aluno está presente na sala, matriculado na turma, é crucial que participe ativamente das atividades, é fundamental que compreenda a informação passada, para que a turma possa crescer conjuntamente em prática e conhecimento. Durante minha caminhada ensinando em sala de aula, notei que a passividade, ou seja, a falta de decisão, a falta de posicionamento usando suas ideias e a falta de questionamentos nem sempre cooperam com a aprendizagem, já a interação e comunicação facilitam bastante o processo.

Segundo Santos (2002), a autonomia não pode nos ser dada, temos que conquistá-la no processo educacional:

A capacidade de autonomia é própria do ser humano, porém esta autonomia tão almejada não nos é dada, mas sim ela é fruto de nossa conquista e geralmente toda conquista se realiza após árduas e difíceis batalhas, e no processo educacional não é e não pode ser diferente, visto que se faz necessário a desconstrução de práticas e posturas que naturalmente bloqueiam outras possibilidades de ação. (Santos, 2002, p. 147)

Nas aulas teóricas sempre convido os alunos a escreverem no quadro comigo, complementando a informação que quero passar para eles. Chamo os alunos de maneira aleatória, isso ajuda a instigar a atenção deles, que esperam chegar a vez. Após apresentar um conceito, peço para eles mesmos descreverem, da forma deles, como eles entenderam. O quadro então fica ornamentado com as variadas nuances da caligrafia e desenhos de cada um. Juntos, vamos escrevendo, lendo, analisando e fazendo assim com que o conteúdo seja melhor fixado. Na aula seguinte, no momento do uso do quadro, eu desenho ou escrevo parte do conceito e pergunto como continuo a partir dali, os alunos então completam a informação a seguir e vou preenchendo de acordo com a informação expressada por eles, se tiver informação equivocada, alguns acabam percebendo, iniciando, portanto, um momento de debate explicativo. Nas aulas teóricas não costumo escrever no quadro para eles copiarem no caderno de maneira passiva, quando faço explicações com auxílio do quadro, busco trazer, de forma prática, o conceito na partitura, ou por imitação em algum instrumento musical para eles executarem, e assim fixarem o conceito.

Nas minhas aulas, prezo pela expressão através da fala, quando algum deles se põe a falar, peço que fiquem atentos, pois todos merecem ser igualmente ouvidos. Durante o momento teórico na aula, escolho um aluno aleatório para falar, lembrando para a turma o que foi estudado na aula anterior, escolho outro aluno para explicar os conceitos, etc. Sempre avalio como está sendo esta fala. Se o aluno está falando baixinho demais, por exemplo, dou ideias para ele falar melhor e/ou mais forte, e explico a importância dos colegas ouvirem o que ele tem a dizer. Eu prezo também pela boa postura sentado ou em pé para cantar ou tocar algum instrumento musical, a fim de que eles tenham mais consciência corporal e que também possam melhorar a emissão da voz ou a técnica do instrumento.

Como Valiengo ressalta sobre o protagonismo na Educação Musical, “este talvez seja o maior dos desafios: propor uma liberdade com a responsabilidade e o respeito que ela necessita.” (Valiengo, 2017, p. 81). Os alunos devem compreender que têm voz ativa, mas que nem sempre suas reivindicações estarão alinhadas com o propósito coletivo. Além disso, para garantir que os alunos não sofram barreiras no desenvolvimento de suas autonomias no processo educativo, é necessário o apoio e compreensão da escola e de todos os envolvidos na educação dos alunos.

3.4 Propor desafios e jogos

Desafios fazem parte do nosso dia a dia e podem auxiliar no processo de cooperação entre os alunos. Ao falar a palavra ‘desafio’ em sala de aula, os olhos de alguns alunos começam a brilhar. Para se ter um desafio, entendemos que haverá graus de dificuldades a serem superados, e que será necessário ter autocontrole, persistência e paciência. Segundo Brotto, estes pontos são importantes para exercer o protagonismo.

Competir ou cooperar são possibilidades de agir e de Ser no Mundo. Enquanto possibilidades, dependem da vontade, do discernimento e da responsabilidade pessoal e coletiva, para se concretizarem na realidade. Somos educados e/ou condicionados para cooperar ou competir. Cabe assumirmos a responsabilidade por nossas escolhas, mesmo que a escolha seja, não escolher ou deixar-se escolher por outros. (Brotto, 1999, p. 41)

Em uma competição educativa, o aluno será confrontado com a necessidade de tomar decisões e terão que se responsabilizar por sua escolha. Sabemos que a emoção de torcer, competir e se esforçar para ganhar é importante. Na escola, adquirimos um equipamento por

nome “passa ou repassa”, semelhante ao que vemos nos programas de entretenimento na TV, em que dois jogadores podem participar. No jogo há um juiz que fará perguntas e avaliará as respostas, no equipamento tem um botão para cada lado onde os participantes podem acionar o mais rápido possível quando acreditarem que sabem a resposta correta. Fiz uso do equipamento em um evento do colégio para engajar os alunos do Fundamental Anos Iniciais, em que eu falava alguma frase de uma música e eles tinham que adivinhar que música era. Não demorou muito para eles se organizarem em fila, formarem suas próprias duplas, torcerem e cantarem as músicas descobertas como uma grande torcida. A partir daí passei a fazer uso do equipamento “passa ou repassa” em sala de aula, com conteúdo de teoria musical, a fim de que os alunos absorvam o conhecimento teórico de uma forma descontraída e também como uma forma de trabalhar o protagonismo. Um dos pontos de um desafio como esse é trabalhar com tempo. Isso nos estimula a buscar estratégias, otimizar o tempo que nos é dado e fazer o que tem que ser feito da melhor maneira possível.

Durante o ano letivo, proponho outros desafios para meus alunos, por exemplo, para as turmas de flauta doce. Peço que estudem durante uma semana uma música inédita que tenha notas já aprendidas em sala de aula. O desafio é apresentar a música completa com a flauta doce na aula seguinte sem o auxílio da partitura, e quem conseguir, ganha um brinde. As estratégias usadas pelos alunos nesse desafio chegam ao ponto de serem percebidas por toda a escola e o engajamento é contagiante. Alguns escolhem o horário do intervalo, outros estudam enquanto aguardam os pais. Alguns, mais avançados, se dispõem em ajudar os outros. Quem reconhece que precisa de apoio, busca alguém que possa ajudar. Eles fazem isso voluntariamente, não dou dicas, pois a ideia é deixar que eles encontrem soluções e compreenderem que se forem humildes, buscarem ser sinceros, generosos, se esforçarem e estudarem, conseguirão ter resultados. Desta forma, habilidades de liderança e autonomia são naturalmente trabalhadas.

Com as turmas mais iniciantes, trabalho caça-palavras e palavras-cruzadas com nomes de instrumentos musicais ou conceitos introdutórios da teoria musical para estimular a leitura dos alunos. Nessas turmas, também estudamos sobre o ritmo e incluímos o ritmo na roda onde fazemos brincadeiras. Por exemplo, eles amam a canção “bate o monjolo no pilão”, na brincadeira, quem foi a “vizinha” escolhe algum colega da sala para que diga algum nome de instrumento musical para ele ou ela escrever no quadro a palavra, a mesma pessoa que foi a “vizinha” escolhe também outro colega da sala para que possa ajudar a escrever a palavra, caso perceba dificuldades, fazendo assim com que eles exerçam o poder de escolha, e também

aprendam a lidar com o lugar de vulnerabilidade, podendo reconhecer quando precisam de ajuda.

Num espaço de liberdade de expressão musical, com desafios e objetivos que despertam a curiosidade e, portanto, o interesse dos alunos em agir, procurando criar soluções para a problemática em jogo. não é somente através da fala que a criança se moverá para participar da atividade. Ela poderá agir a partir da totalidade de seu corpo. E se é através da ação significativa, aquela que parte do desejo de interagir, de procurar soluções para se adaptar, etc., que o ser humano se desenvolve, então, todos os participantes de uma atividade deste tipo encontrarão um espaço para se desenvolverem de modo criativo, cooperativo e, portanto, autônomo. (Kebach, P.; Duarte, R., 2012, pág 103)

Trabalhar com uma classe de crianças frequentemente exige que eu reavalie o feedback em relação ao comportamento dos alunos. Em alguns casos, trabalho com o *jogo de pontos*, onde o aluno teria que se esforçar em estar presente nos ensaios, ou seja, evitar faltar nos dias de aula de Música, respeitar os colegas e todos os funcionários do colégio, e, finalmente, se dedicar aos estudos para não ficar em situação de recuperação em muitas disciplinas. Cada aluno participante recebeu 10 pontos, e a meta é manter os 10 pontos. Segue abaixo o que foi apresentado para os participantes:

Limite: 10 pontos

Perda

- (-5) Desrespeitar funcionário, professor, colega, etc. (bullying, violência física)
- (-3) Nota baixa
- (-1) falta injustificada (música)

Recuperação

- (+5) Bom comportamento (por 1 semana + pedir desculpas)
- (+3) Melhora de notas

Saída do jogo

- Se apresentar na semana o resultado de (-3) pontos

A cada semana conferimos coletivamente como estava a situação de cada um. Foi um momento de cooperação dos outros professores, que também me passaram feedbacks do comportamento dos alunos durante a semana. Apesar de pensarmos que foi fácil para os alunos conseguirem, alguns poucos alunos infelizmente perderam no jogo de pontos. E isto serviu de

reflexão para todos os colegas. Nesse caso, cada um foi responsável por seus atos e seu comportamento. Se tornou necessário cada um fazer a sua parte, cada um atuar, cumprindo o seu papel, revelando que ser protagonista não necessariamente significa ser dono da verdade.

3.5 Encorajar apresentações em público

No Colégio Americano Batista há várias apresentações musicais além das apresentações nos eventos de encerramento dos semestres. Os alunos praticamente estão sempre se preparando para alguma apresentação, geralmente com uma ou mais músicas cantadas e algumas peças na flauta doce. Durante o ano letivo, nos preparamos para nos apresentar no dia do aniversário do colégio, na Páscoa, no Dia da Mulher, no Dia dos Povos Indígenas, no Dia das Mães, na Festa da Colheita, no Dia dos Pais, no Setembro Amarelo, na Abertura dos Jogos Internos, no *Thanksgiving Day* (Dia de Ação de Graças) e na Cantata de Natal. A música é uma arte bastante ativa no colégio, e no tempo que estou lá, tenho notado o quanto os alunos se desenvolveram musicalmente e o quanto a maioria deles transparecem autonomia nas performances, apesar de não termos o privilégio de uma carga horária semanal robusta em sala de aula.

Na preparação para os eventos, os ensaios acontecem no horário das aulas de música. O ensaio então passa a fazer parte de um trabalho pedagógico que vai além de um preparo para uma performance. Durante os ensaios, trabalho a disciplina, a otimização do tempo e a expressividade artística. É o momento que os alunos são levados a entender que ensaio é a prévia da apresentação, é uma amostra ainda sem espectadores na qual o objetivo é melhorar e lapidar o trabalho.

Há situações em que temos que abrir mão para que alguns alunos possam ter a orientação e suporte dos responsáveis em casa, ou seja, ensaiar em casa, fazendo assim com que o aluno se prepare melhor para uma boa performance. Segundo Rinaldi, os familiares e professores são cocriadores no processo de educação e o incentivo deles é fundamental para que a criança desenvolva confiança em si mesma.

Rinaldi (2016b) salienta, além do protagonismo do aluno, as outras autorias do processo em questão. Forma-se, assim, um movimento de intenções em que se permite que as pessoas envolvidas – alunos, profissionais, familiares –, sejam parceiros, isto é, a criança e o “outro” em seus vários codinomes, façam parte de um micro ou macro espaço, como cocriadores e coprodutores da educação. (Valiengo, 2017, p. 88)

Momentos antes de uma de nossas apresentações, vi um dos alunos que teve bastante dificuldade com a ideia de tocar flauta para o público, mesmo que tocando em grupo com outros colegas. Ele queria muito participar, mas não estava sabendo lidar com isso. No final dos ensaios ele tocava a música apenas para mim, nos ensaios seguintes alguns colegas estavam presentes para ver ele tocar. O aluno chorou algumas vezes nesses ensaios, quando conversamos sobre sua participação. O apoio dos pais foi fundamental para que no dia da apresentação o aluno se permitisse viver esta experiência. Naquele dia, percebi que ele estava evitando falar comigo, respeitei o momento dele e tivemos uma apresentação linda. Na aula seguinte, este mesmo aluno estava animado, me perguntando qual seria a próxima música e o próximo evento. Trabalhar o protagonismo na criança faz tornar possível a sua atuação nos mais diversos contextos.

No dia da apresentação, é necessário passar confiança para as crianças. Quando as encontro no local do evento antes das apresentações, minha palavra com elas é sempre em tom de “Finalmente! Vamos apresentar! Vai ser muito divertido! ”. Evito falar que a hora de se apresentar está chegando com alunos que apresentaram dificuldade com a ideia de se expor para uma plateia, a fim de desviar qualquer possibilidade de gatilho mental que venha atrapalhar a participação do aluno. É necessário permitir que a criança aprenda a lidar com suas próprias emoções no tempo dela, e é fundamental dar espaço para isso.

(...) quando se lida com o medo do palco, a primeira coisa a se fazer é eliminar os motivos de auto-depreciação e dúvida. (...) Como alguém pode ‘se entregar’ a não ser que esteja livre para se amar, amar os outros seres humanos e, mais que tudo, amar seu público? (Havas, 1986, p. 125).

Nesse ínterim, da preparação para as apresentações, alguns pais relataram mudanças positivas e significativas nas atitudes dos filhos. Os pais relataram sobre o senso de responsabilidade, pontualidade, persistência, quando mencionaram algum papel importante que o aluno teve que desempenhar em uma apresentação musical. Alguns notaram que os filhos desenvolveram características de desinibição, algo que não tinham reparado neles antes, e que acharam interessante os filhos estarem desenvolvendo essas habilidades através da música.

3.6 Promover diálogos constantes

Para entender a criança é necessário mergulhar no seu mundo, nos seus interesses, no seu vocabulário e ouvir com atenção. É necessário acolher, respeitar sua maneira de pensar e o seu espaço. É fundamental que a criança seja livre para se expressar, e assim aprender, se desenvolver, criar, produzir e alcançar sua autonomia. No processo educacional a comunicação é imprescindível, e, segundo Bruner, a conversação torna possível a colaboração.

(...) o dar e receber da conversação que torna possível a colaboração. A mente activa (...) busca o diálogo e o discurso com outras mentes activas. É através deste processo dialógico e discursivo que conseguimos conhecer o Outro e os seus pontos de vista, as suas histórias. Aprendemos um enorme acervo não só acerca do mundo, mas acerca de nós mesmos, por intermédio do discurso com os Outros. (Bruner, 1996, p.128)

Sempre busquei ter uma linguagem amigável em sala de aula, pois acredito que, para ser respeitado, o primeiro passo é respeitar o outro. Ser uma professora rude, que grita com os alunos nunca foi meu objetivo, então prefiro que eles participem da aula se sentindo bem, conscientes de suas responsabilidades, não porque estão sendo oprimidos. Planejar as aulas de música e usar a linguagem de maneira a instigar o protagonismo dos alunos se tornou meu objetivo como professora. Sobre a importância do diálogo, Paulo Freire afirma que,

Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo. Sem ele não há comunicação e sem esta não há verdadeira educação. A que, operando a superação da contradição educador-educandos, se instaura como situação gnosiológica, em que os sujeitos incidem seu ato cognoscente sobre o objeto cognoscível que os mediatiza (Freire, 141).

Com esta afirmação de Paulo Freire, poderíamos afirmar que pensar criticamente pode gerar um diálogo, sem diálogo obviamente não há comunicação, não há interação, e sem esta relação não há uma educação efetiva. Na comunicação, no diálogo, na interação o menos experiente aprende com o outro mais experiente, desenvolvendo juntos o conhecimento sobre o objeto em questão.

Em conversas com os alunos, deixo claro que eu sempre acredito neles e que eles são capazes de tocar, cantar, dançar, recitar, enfim, capazes de fazer qualquer coisa que eles queiram se fizerem esforço para isso. Por exemplo, menciono uma situação na preparação para um evento no colégio que me marcou muito. Uma aluna com autismo (nível 1)³, que era

³ Nível 1 de suporte: Necessidade de menos apoio, sendo que ele deverá ser baseado em ajudar na dificuldade em se manter uma comunicação social. A criança, nesse grau apresenta também dificuldade em iniciar

extremamente tímida, quis participar do sorteio para narrar um trecho de um parágrafo para a cantata de natal. Não subestimei, obviamente, vi nisso uma excelente oportunidade para desenvolver a autonomia da criança. E a aluna tímida ganhou no sorteio para ser uma das narradoras. Não demorou muito para alguns adultos discordarem e até dizerem que o meu profissionalismo estava em jogo. Mas em momento nenhum cogitei em remover a criança da narração. Entrei em contato com os pais e eles ficaram bastante animados com o desafio. Na semana seguinte, a aluna já estava com o trecho todo decorado e o recitou em sala, sendo ovacionada pelos colegas. No dia da apresentação não foi diferente. Se esse diálogo em prol do encorajamento do aluno e do apoio dos pais não tivesse ocorrido, esta aluna não teria se desafiado e trabalhado seu protagonismo na cantata de natal.

O diálogo configura uma parte importante de como eu estabeleço relações com os alunos, colegas de trabalho e familiares. Através do diálogo, trabalho com uma didática instigante e colaborativa; ouço a criança em seu lugar de fala e me adapto da melhor maneira possível; me comunico com os familiares sobre estratégias de incentivo ao protagonismo dos alunos; e, finalmente, proporciono uma avaliação com feedback constante, de maneira acolhedora e efetiva para garantir o bom desenvolvimento dos alunos.

interações com as demais pessoas, bem como pouco interesse em se relacionar com os demais. Há ainda um padrão de comportamento repetitivo e restrito, acarretando uma inflexibilidade comportamental e hiperfoco.” (Russo, 2019, p. 13)

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o objetivo de descrever em um relato de experiência como a prática docente em música no Ensino Fundamental Anos Iniciais influencia o protagonismo dos estudantes em uma instituição de ensino básico. Para isto, foi necessário trazer uma definição do que é o protagonismo e a sua relação com a educação musical. A pesquisa trouxe contribuições do referencial teórico sobre o processo de desenvolvimento do protagonismo pessoal e relatou como ações docentes em uma turma de Ensino Fundamental Anos Iniciais são direcionadas ao desenvolvimento do protagonismo pessoal dos alunos.

Planejar e executar atividades que possam estimular o protagonismo não é uma fórmula mágica que tem sempre os resultados positivos. As atividades propostas não são cartilhas com o passo a passo para o sucesso. Os alunos têm liberdade para escolher interagir ou não, participar ou não das atividades. Apesar do estímulo e influência dos colegas, alguns poucos alunos decidem ser espectadores apenas, infelizmente isto contribui negativamente no aprendizado da disciplina e o rendimento do conteúdo é quase nulo.

O protagonismo foi contextualizado na revisão bibliográfica, onde foi possível observar que o objetivo de desenvolver a autonomia do aluno está nas orientações da Base Comum Curricular Nacional - BNCC, que é responsável por orientar os conteúdos da educação brasileira na escola básica, como também revelar que desenvolver o protagonismo está presente em alguns programas para ensino básico integral e institutos educacionais. A revisão bibliográfica trouxe a etimologia do termo “protagonismo”, a sua definição na área da psicologia, e considerou em que se baseia o protagonismo na escola básica, usando como exemplo, a apostila usada nas escolas públicas do Estado de São Paulo. Para conectar os assuntos abordados com a educação musical, a revisão bibliográfica trouxe citações e reflexões sobre o relato de experiência da professora Camila Valiengo em sua tese de Doutorado. A revisão bibliográfica finaliza descrevendo as especificidades do Ensino Fundamental Anos Iniciais na escola básica.

O relato de experiência apresentou ações docentes que impulsionaram o protagonismo dos estudantes da disciplina de música em uma escola básica e relataram resultados observados a partir dessas ações. No relato foi possível observar as seguintes ações: planejar aulas de maneira flexível; reconhecer as diversidades, promover a inclusão e despertar potenciais dos

alunos; incentivar a participação ativa nas aulas teóricas; propor desafios e jogos; encorajar apresentações em público; e promover diálogos constantes com os alunos.

Esperamos que este trabalho contribua para as pesquisas na área de educação musical, por ser um estudo importante que traz a aplicação do conhecimento teórico sobre o protagonismo infantil na didática de uma educadora musical, contendo reflexões sobre as ações planejadas. Chegamos à conclusão deste trabalho onde conseguimos refletir sobre os impactos das ações docentes nos alunos da disciplina de música, neste contexto de escola básica. Foram relatos que nos apresentaram estratégias para lidar com um assunto de maneira prática no contexto de sala de aula, apresentando resultados concretos no desenvolvimento do protagonismo dos alunos.

5. REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe. **O saber histórico em sala de aula**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018
- BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência**. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas, 1999.
- BRUNER, Jerome. **Cultura da Educação**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- BURGESS, Kaya. **Speaking in public is worse than death for most**. The Times, 2013. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/speaking-in-public-is-worse-than-death-for-most-512bvqlmbnt>. Acesso em: 09 out. 2024.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.
- COSTA, Antônio Carlos Gomes da. Fundamentos teóricos e metodológicos da pedagogia social no Brasil. / **Congresso Internacional de Pedagogia Social**. São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000092006000100007&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 09 out. 2024.
- DAUM, Kevin. **How to Make Great Decisions (Most of the Time)**. Inc, 2012. Disponível em: <https://www.inc.com/kevin-daum/how-to-make-great-decisions-most-of-the-time.html>. Acesso em: 09 out. 2024.
- DOS SANTOS, Josivaldo Constantino. **A participação ativa e efetiva do aluno no processo ensino-aprendizagem como condição fundamental para a construção do conhecimento**, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.
- GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Currículo em Ação – Caderno do(a) Professor(a) – Protagonismo Juvenil**. São Paulo, 2021.
- HAVAS, Kato. **Stage fright: its Causes and Cures**. London: Bosworth & Co, Ltd., 1986.
- INSTITUTO DE CORRESPONSABILIDADE PELA EDUCAÇÃO. **Material do Educador - Aulas de Protagonismo**. Pernambuco, 2016.
- KEBACH, Patrícia; DUARTE, Rosângela. Educação musical e educação especial: processos de inclusão no sistema regular de ensino. **Textos e Debates**, [S. l.], v. 2, n. 15, 2012. Disponível em: <https://revista.ufr.br/textosedebates/article/view/751>. Acesso em: 9 out. 2024.
- MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Cláudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento. **Revista Práxis Educacional**, Bahia, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021.
- OLIVEIRA, Fernanda de Assis. Materiais didáticos nas aulas de música do ensino fundamental: um mapeamento das concepções dos professores de música da rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 17, 77-85, set. 2007.

RUSSO, Fabiele, **Manual sobre o transtorno do espectro do autismo (TEA)**. NeuroConecta, 2019. Disponível em: <https://neuroconecta.com.br/wp-content/uploads/2022/07/ebook-manual-sobre-o-autismo.pdf>

SANTOS, Josivaldo Constantino dos. **A Participação ativa e efetiva do aluno no processo de ensino-aprendizagem como condição fundamental para a construção de conhecimento**. Dissertação de Mestrado. Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

SILVA, WESLEY SANTOS. **Aspectos críticos do protagonismo juvenil em Antônio Carlos Gomes da Costa**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade de Brasília. Faculdade de Educação. 2015

SNYDERS, Georges. **A escola pode ensinar as alegrias da música**. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

VALIENGO, Camila; VALIENGO, Amanda. **Diálogo, protagonismo e criatividade: a cocriação na aprendizagem musical**. 2017. Artigo publicado na VII Semana de Educação Musical, no I Colóquio de Educação Musical de Vertentes, UFSJ. São Paulo, 2017.

VALIENGO, Camila. **Diálogo, protagonismo e criatividade: a cocriação na aprendizagem musical**. Tese de Doutorado no curso de Pós-Graduação em Música. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2017.

VOLKWEISS, Anelise; LIMA, Vanessa Mendes de; FERRARO, José Luís Schifino; RAMOS, Maurivan Güntzel. **Protagonismo e participação do estudante: desafios e possibilidades**. 2019. Revista Educação por Escrito, Porto Alegre, v. 10, n. 1, jan.-jun. 2019